

Doenças impedem que índios passem dos 40

Marcia Fortes

Você, que vive um cotidiano urbano, reclamando de salário baixo e da inflação alta, e quando as coisas ficam pretas ameaça largar tudo e ir viver no mato, é bom saber que o ar puro da mata verde e as águas de rios e cachoeiras podem trazer mais problemas do que se imagina. No Parque Indígena de Tumucumaque - norte do Estado do Pará, na divisa com o Suriname e a Guiana Francesa, entre os rios Marapi, Paru do Leste e Jari - onde moram cerca de 1 mil 500 índios Waiápis, Tiriýós e Wayana-Apalai, a vida

chega geralmente ao fim lá pelos 40 anos, vitimada por inimigos comuns também aos brancos: malária, gastroenterite, artrite, anemia parasitária, escabiose, traqueobronquite, tuberculose ou mesmo gripe.

É um problema que volta a preocupar a Funai, 16 anos depois da morte do médico Noel Nutels, que criou o primeiro avião-ambulância da FAB e lutou contra as epidemias que praticamente dizimavam as populações indígenas até 1972. A Fundação do Índio retomou o programa de assistência médico-odontológica ano passado, com o apoio da Força Aé-

rea Brasileira, e começa a se fazer presente nas áreas indígenas organizando Ações Especiais de Saúde e instalando postos de apoio. Parece que a Fundação entendeu, conforme faz questão de anunciar que "agora, mais do que nunca, é preciso ouvir a voz do índio".

Na semana passada o programa de saúde chegou ao Parque Indígena de Tumucumaque.

O médico da Funai, Dr. Roberto Madeiro, que há 14 anos trabalha com os índios, disse que "nos últimos anos, a incidência de malária aumentou absurdamente e a resistência dos índios às doenças di-

minuiu". Na aldeia dos Tiriýós onde vivem aproximadamente 480 índios, detectaram 20 casos de tuberculose; e, entre os Apalai (aproximadamente 350 índios), foram diagnosticados 50 casos de malária, só em abril.

Nos casos de doenças mais crônicas, os índios são levados para tratamento em Belém. Alguns nunca voltam. Já houve casos de loucura também, com desfecho no sanatório da capital. Nessas ações de saúde, o dentista é dos que mais trabalha: nas aldeias ele extrai, munido de anestesia e buticão, centenas de dentes podres.

Fotos de Márcia Christina

Sorte de uma, azar de outra

"Vamos cantar sobre Deus/nós somos todos pecadores/só Deus é puro mesmo..." - quando os índios wayana-Apalai cantam essa música, é praticamente impossível entender que este é o significado do que se ouve: "Seremiature fitonopo Yoko Senehre emero inihpury" - então eles num acento muito parecido com o japonês. É bonito. Suas vozes têm fé. Uma fé que vem sendo desenvolvida em 4 séculos de contato com as missões religiosas, desde que José de Anchieta rezou aquela famosa missa com os tupi-guaranis. Ao longo dos tempos, padres, jesuítas, luteranos, franciscanos ou protestantes catequizaram os indígenas, levando-lhes os ensinamentos de Deus. Hoje, os índios adoram o trovão, o sol e Jesus Cristo.

Cada tribo tem a missão que o destino escolhe. Umam dão sorte, outras levam azar. No Parque do Tumucumaque, por exemplo, existem duas missões com conceitos e posturas disparatadas entre si: uma, entre os índios tiriýós, da Ordem Franciscana Alemã, e outra, coordenada e personificada por um casal protestante norte-americano, ambos integrantes do Instituto de Linguística Summer's, dos Estados Unidos, entre os índios wayana-apalai. Alemães de Mercedes. A missão dos tiriýós é coordenada pelo frei Bento Letschert, alemão, que há 16 anos vive entre os índios, apesar de visitar a família freqüentemente, na Alemanha. Seis irmãs e três irmãos integram hoje a missão, instalada na Amazônia desde 1960.

- Nosso trabalho é basicamente a catequese, todos os índios são batizados, assistem missas diárias na capela e aulas de religião na escola. O ensino do português é precário, e poucos são os índios alfabetizados. Pessoalmente, eu discordo dos métodos da Ordem. Acho que o ensino deveria ter mais ênfase e a diferença de tratamento com os índios é absurda, eles vivem na miséria, enquanto nós estamos bem - disse, sincero, o Frei Sireno Machado, um sergipano há 6 anos na missão, sustentada por doações.

Os Tiriýós já perderam muito de suas tradições: vestem-se com saias e shorts, usam sandálias havaianas e moram em melococas, meio-casas. Plantam milho, feijão, arroz e mandioca, e criam gado e búfalos doados pelo Governo. Trabalham também em três oficinas: uma serraria, uma olaria e uma fresaria (onde se trabalha metal). Os padres coordenam tudo, mas não se esquecem de levar a melhor: uma imensa casa de três andares está sendo construída para alojá-los, sua lavoura é separada da dos índios (e somente nesta é usado um trator doado pela Alemanha), e se locomovem com três caminhões e um jipe, todos Mercedes alemães. Enquanto isso, Axiqul, uma das mais velhas da aldeia, trabalha diariamente na lavoura, carregando, por alguns quilômetros, um pesado cesto com a sua produção.

Cacique oficial

Já na aldeia Cuxaré, 350 quilômetros para o sul, moram aproximadamente 80 índios tiriýós que não conhecem oficinas nem tratores. Eles plantam mandioca, cana e frutas, e criam gado. Alguns usam tanga, outros blusas de malha. Moram em pakoros (ocas) e são batizados. Na entrada da aldeia, a FAB construiu uma pista de pouso asfaltada, batizada com o nome do Tuxaua (cacique) da tribo, Aviri. Ele mal fala português, mas usa um uniforme de comandante, que ganhou de um oficial, durante uma das missões de assistência da FAB: orgulho, ele trocou o cocar pelo quepe.

A aldeia Apalai, é a principal da região: lá está, desde 1971, o posto indígena Tumucumaque, da Funai, e, mais recentemente, uma escola primária com duas professoras. Mas, antes de tudo isso, em 1962, chegava à aldeia um casal norte-americano, disposto a estudar o idioma apalai e catequizar os índios na doutrina protestante. Sarah e Eduardo Koehn, 26 anos e três filhos, cumpriram o seu papel: estudaram a língua, criaram a sua gramática, fizeram o dicionário Apalai-Português, traduziram o Novo Testamento para o apalai, alfabetizaram os índios - primeiro em seu idioma nativo, depois em português - e lhes ensinaram que Jesus salva. Para tanto, enfrentaram o Governo - foram até exilados por sete anos - e a própria resistência dos índios, que nem sabiam que eram brasileiros.

ALDEIA CUXARÉ CAMPO TUXAUA AVIRI



O cacique Aviri deu nome ao campo da FAB e trocou a tanga e o cocar por uniforme e quepe de oficial



Trabalho para dentistas não falta nas aldeias